RUTH ROCHA
BOM DIA, TODAS AS CORES!

RUTH ROCHA

BOM DIA, TODAS AS CORES!

Ilustrações de
ALBERTO LLINARES

QUINTETO EDITORIAL

Meu amigo Camaleão acordou de bom humor.
– Bom dia, sol, bom dia, flores,
bom dia, todas as cores!

Lavou o rosto numa folha cheia de orvalho, mudou sua cor para a cor-de-rosa, que ele achava a mais bonita de todas, e saiu para o sol, contente da vida.

Meu amigo Camaleão estava feliz porque tinha chegado a primavera.
E o sol, finalmente, depois de um inverno longo e frio, brilhava, alegre, no céu.
– Eu hoje estou de bem com a vida – ele disse. – Quero ser bonzinho pra todo mundo...

Logo que saiu de casa,
o Camaleão encontrou
o professor Pernilongo.
O professor Pernilongo toca
violino na orquestra
do Teatro Florestal.

– Bom dia, professor!
Como vai o senhor?

– Bom dia, Camaleão!
Mas o que é isso, meu irmão?
Por que é que mudou de cor?
Essa cor não lhe cai bem...
Olhe para o azul do céu.
Por que não fica azul também?

O Camaleão,
amável como ele era,
resolveu ficar azul
como o céu de primavera...

Até que numa clareira
o Camaleão encontrou
o Sabiá-laranjeira:

– Meu amigo Camaleão,
muito bom dia a você!
Mas que cor é essa, agora?
O amigo está azul por quê?

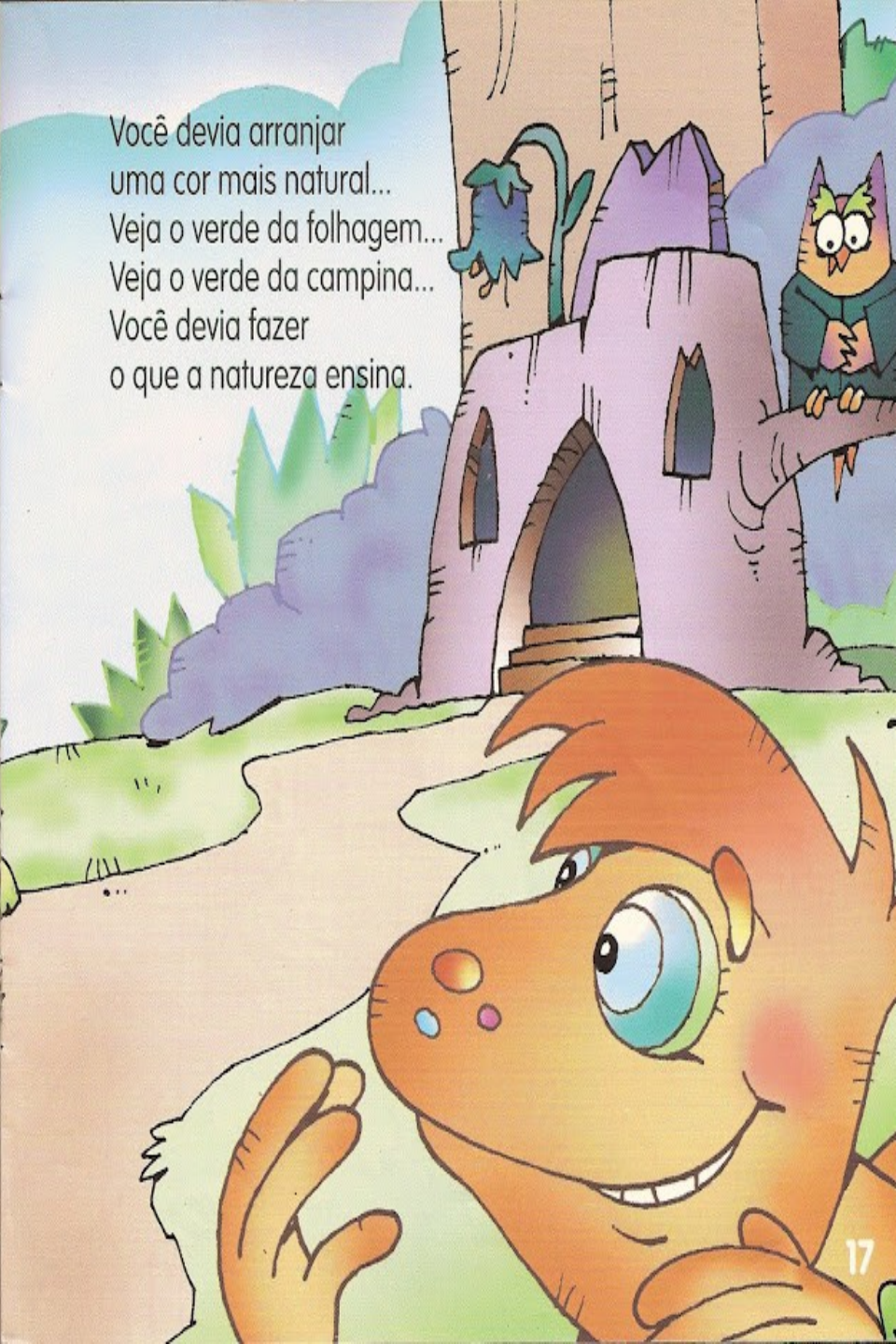
E o sabiá explicou
que a cor mais linda do mundo
era a cor alaranjada,
cor de laranja, dourada.

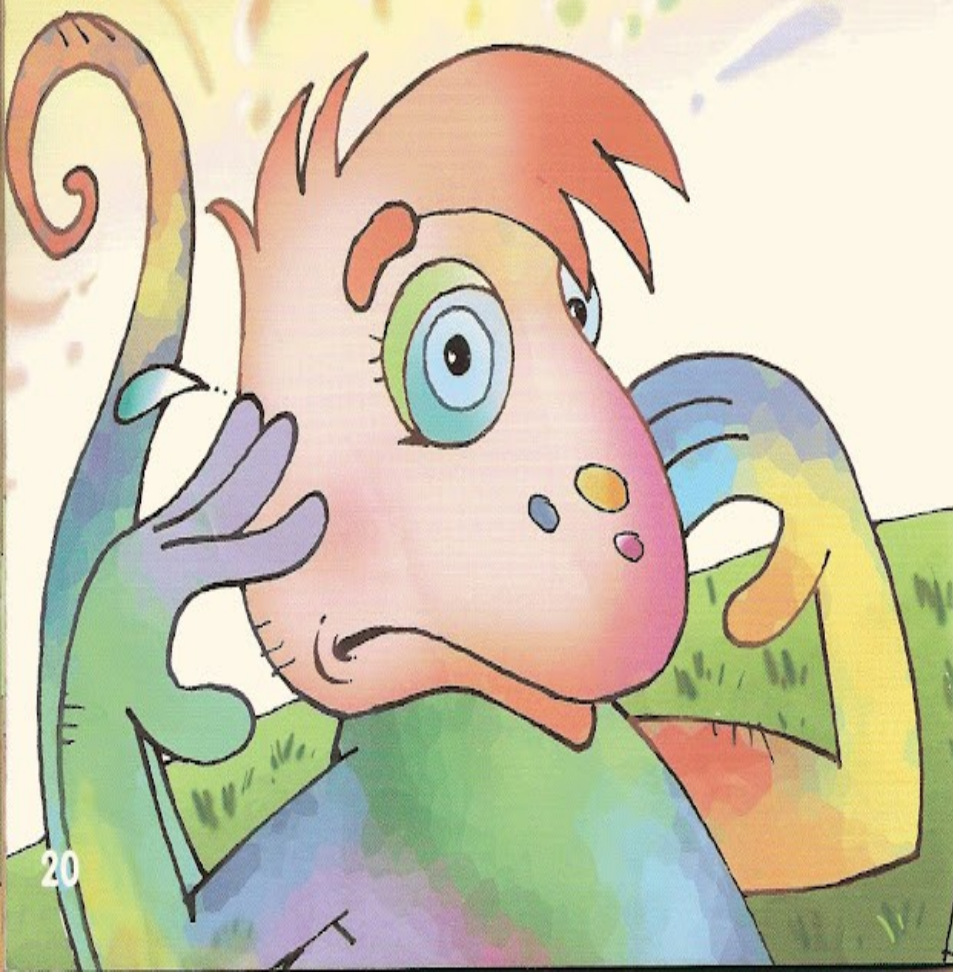
Nosso amigo, bem depressa,
resolveu mudar de cor.
Ficou logo alaranjado,
louro, laranja, dourado.

E cantando, alegremente,
lá se foi, ainda contente...

Na pracinha da floresta,
saindo da capelinha,
vinha o senhor Louva-a-deus,
mais a família inteirinha.
Ele é um senhor muito sério,
que não gosta de gracinha.

– Bom dia, Camaleão!
Que cor mais escandalosa!
Parece até fantasia
pra baile de carnaval...

Você devia arranjar
uma cor mais natural...
Veja o verde da folhagem...
Veja o verde da campina...
Você devia fazer
o que a natureza ensina.

É claro que o nosso amigo
resolveu mudar de cor.
Ficou logo bem verdinho.
E foi pelo seu caminho...

Vocês agora já sabem como era o Camaleão.
Bastava que alguém falasse, mudava de opinião.
Ficava roxo, amarelo, ficava cor-de-pavão.
Ficava de toda cor. Não sabia dizer NÃO.

Por isso, naquele dia, cada vez que
se encontrava com algum de seus amigos,
e que o amigo estranhava a cor com que ele estava...
Adivinhe o que fazia o nosso Camaleão.
Pois ele logo mudava, mudava para outro tom...

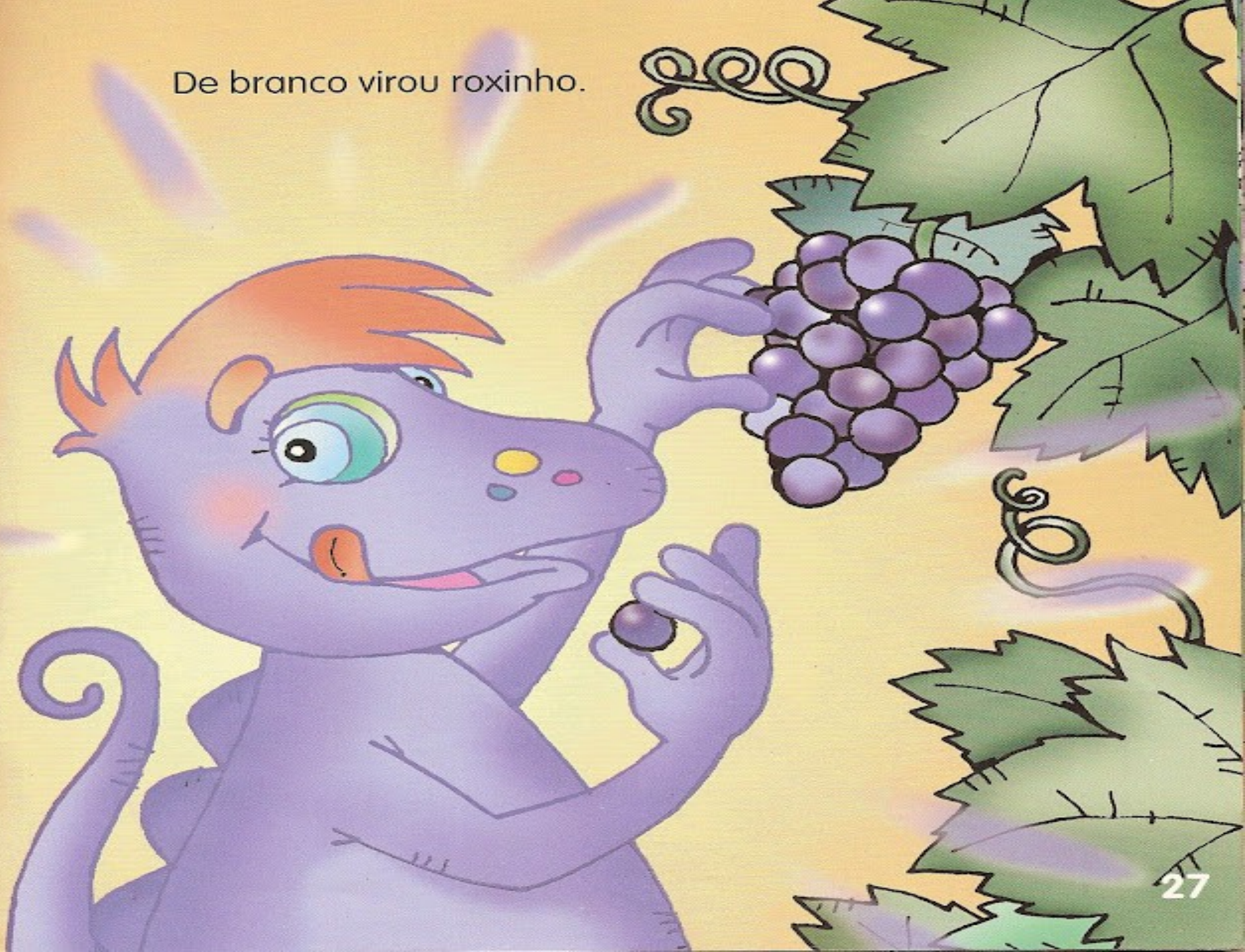
Mudou de rosa para azul.

De azul para alaranjado.

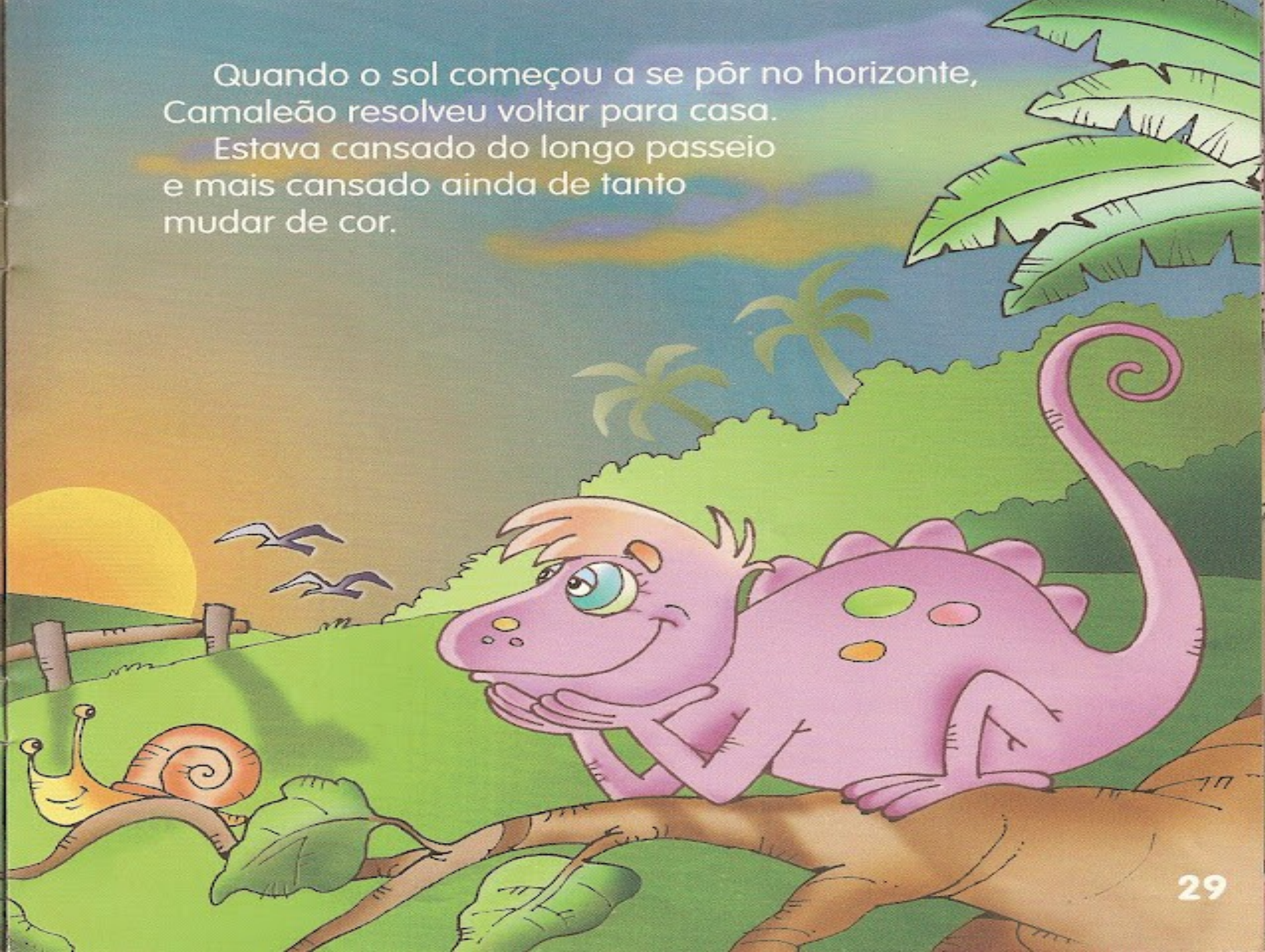
De laranja para verde.

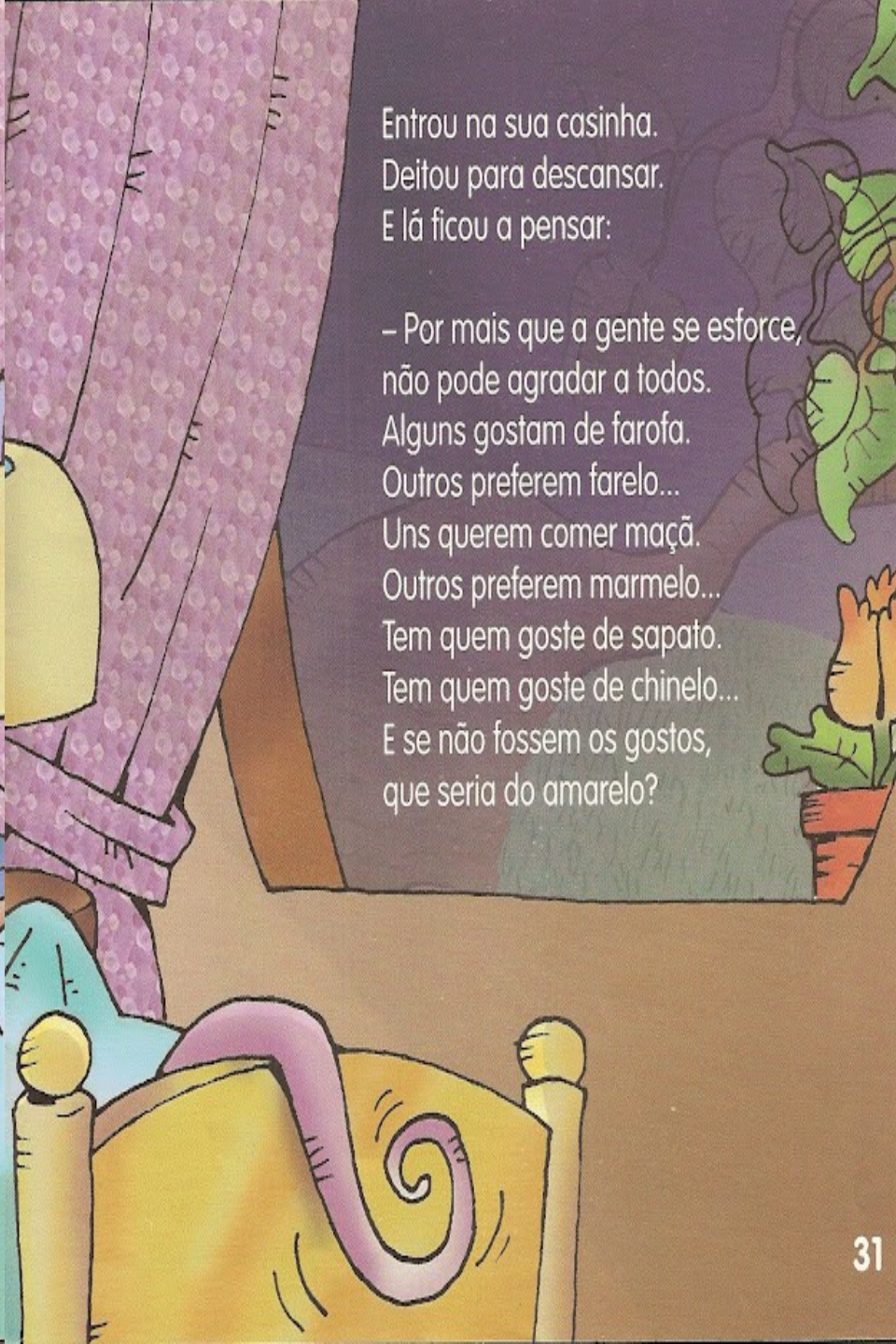
De verde para encarnado.

Mudou de preto para branco.

De branco virou roxinho.

De roxo para amarelo.
E até para cor de vinho...

Quando o sol começou a se pôr no horizonte, Camaleão resolveu voltar para casa.

Estava cansado do longo passeio e mais cansado ainda de tanto mudar de cor.

Entrou na sua casinha.
Deitou para descansar.
E lá ficou a pensar:

– Por mais que a gente se esforce,
não pode agradar a todos.
Alguns gostam de farofa.
Outros preferem farelo...
Uns querem comer maçã.
Outros preferem marmelo...
Tem quem goste de sapato.
Tem quem goste de chinelo...
E se não fossem os gostos,
que seria do amarelo?

Por isso, no outro dia, Camaleão levantou-se bem cedinho.

– Bom dia, sol, bom dia, flores, bom dia, todas as cores!

Lavou o rosto numa folha
cheia de orvalho,
mudou sua cor para
a cor-de-rosa, que ele
achava a mais bonita
de todas, e saiu para
o sol, contente
da vida.

Logo que saiu, Camaleão encontrou o Sapo Cururu, que é cantor de sucesso na Rádio Jovem Floresta.

– Bom dia, meu caro Sapo! Que dia mais lindo, não?

– Muito bom dia, amigo Camaleão!
Mas que cor mais engraçada,
antiga, tão desbotada...
Por que é que você não usa
uma cor mais avançada?

O Camaleão sorriu e disse para o seu amigo:
– Eu uso as cores que eu gosto,
e com isso faço bem.
Eu gosto dos bons conselhos,
mas faço o que me convém.
Quem não agrada a si mesmo,
não pode agradar ninguém...

E assim aconteceu
o que acabei de contar.
Se gostaram, muito bem!
Se não gostaram, AZAR!

Ruth Rocha

Eu sou paulista. Nas minhas origens, baianos, mineiros, cariocas. Com muitos portugueses bem lá para trás e algum sangue bugre ou negro – quem sabe? –, que se traduz na minha cor de cuia quando apanho sol.

Gosto muito de sol, de praia e de mar. De música e de livros. De cantar, dançar e rir.

Gosto muito de gente. Principalmente de criança.

Criança-criança. Que dá risada fora de hora, que se impacienta quando gente grande fala demais e que grita que o rei está nu.

Gosto de Lobato. Não o Lobato das mil mortes de Urupês, mas o Lobato que botou na boca da Emília, quando perguntada "quem é você?", a síntese da rebeldia: "Eu sou a Independência ou Morte!". De Guimarães Rosa, por quem Riobaldo falou a famosa "Mestre não é aquele que sempre ensina, mas aquele que de repente aprende". E de Mário de Andrade, que resumiu na fala de *Macunaíma* meu sentimento mais secreto: "Ai, que preguiça..."

Alberto Llinares

Ilustrar para a Ruth é algo que faço há muito tempo e com grande prazer. Esta história já conhecia desde que foi publicada pela primeira vez, com ilustrações do Adalberto Carnavaca. Tempos diferentes. Não havia computadores para libertar a criação de efeitos visuais. Havia, sim, muitas limitações gráficas. Hoje é possível fazer testes, ver se a cor do personagem ficou legal em relação à paisagem de fundo. Se não ficou, muda-se quantas vezes for preciso, como faz um camaleão, sempre pronto para agradar a quem lê e vê a história.